

PARTE 1 - DIÁRIO DA INGLATERRA

Abertura

Créditos de apresentação (produtora, patrocinadores, etc.) surgem e desaparecem suavemente e em silêncio sobre um fundo preto. Ranhuras no negativo dão um efeito semelhante ao que existe nos planos de *Limite* que sofreram com a corrosão do tempo.

Seq. 1 - EXT. DIA - BEIRA DE UMA PRAIA (P&B)

Ao longe, começamos a ouvir uma voz, que mais tarde reconheceremos como sendo do cineasta Mário Peixoto. Inicialmente, parece apenas um ruído e vai ficando cada vez mais nítida. Na gravação, ele afirma que existem seqüências de *Limite* que se perderam quando o filme foi exibido na Inglaterra. Mário Peixoto começa a descrever o que teria sido a "abertura original" do seu filme. Ao fundo, ouve-se o ruído do mar e depois a *Gymnopedie*. À medida em que ele narra, vão surgindo na tela as imagens **(1)** :

Voz de Mário Peixoto em off

"Em início, a tela escurece lentamente, entra Gymnopedie de Satie, vem um letreiro que sobe de baixo para cima :

De nenhum modo existe algum tempo.

Logo em seguida, vem uma onda enorme que sobe em câmera lenta, se vê as pequenas gotas como se fossem átomos, em intermediário com o sol brilhante.

Quando a onda desce, se vê a rocha com o still das três sombras (foto da sombra dos três naufragos) Por fusão vem a primeira apresentação do letreiro:

*Limite (no nosso caso: **Onde a Terra Acaba**)*

Esta cena se repetia quatro vezes, apresentando os atores. Foi aplaudida de pé na Inglaterra."

As imagens vão surgindo à medida em que progride a descrição de Mário Peixoto, como se estivéssemos dando forma à imaginação do diretor. Os créditos de *Limite* serão substituídos pelos créditos do documentário e serão elaborados com uma fonte que se assemelha à caligrafia de Mário Peixoto. A imagem desta abertura

é em preto e branco e a fotografia tentará reproduzir o tom contrastado dado por Edgar Brazil às imagens de *Limite*.

FADE OUT

Seq. 2 - INT. QUARTO DE MÁRIO PEIXOTO - DIAFADE IN

O ambiente é lúgubre, as cores predominantes são o amarelo, o marrom e tonalidades de sépia.

Apesar de humilde e abarrotado de objetos, o quarto é arrumado e preserva uma certa nobreza, que a decadência econômica não conseguiu extinguir. Os objetos estão cobertos com embalagens plásticas.

O quarto será reconstituído para ser uma reprodução do ambiente onde Mário Peixoto viveu no final de sua vida. A câmera mostra objetos que compõe o quarto. Os planos são fixos e os objetos enquadrados como naturezas mortas.

Ouvimos, em off, um trecho do romance *O Inútil de Cada Um*:

"A realidade para mim não tem consistência; o que é que se há de fazer?! Eu constato e tal, mas absolutamente não tomo parte... É como se não fosse... não há dúvida que a vejo, mas só. E se me refiro a ela é num tom, ou num pensamento em que a gente se refere às coisas que não constam nem impedem, porque não afetam.

A realidade para mim não tem importância, não me modifica. A imaginação sim, substitui tudo e convence - aliás é só o que existe para mim. Vivo dela porque é verdadeiramente o que me faz vibrar - crio e apago ao meu feitio - como um halo e um sopro. A realidade, não. Esbarro logo nela - e absolutamente não me convenço das suas malhas. É inútil. Eu sofro de uma dor física, mas isto não me impede que eu viva fora da realidade - porque além do mais ela é feia barulhenta, desarmoniosa e exaustiva."

Sentado no quarto, cineasta Walter Salles fala sobre como se deu o seu primeiro encontro com Mário Peixoto.

Logo em sua chegada ao pequeno quarto, Mário Peixoto pediu para que Walter lhe dissesse o que lhe dizia um velho relógio que estava pendurado na parede. Ele achou o pedido estranho mas tentou fazer uma descrição o mais precisa possível.

Mário Peixoto então lhe disse: "Sabe o que na verdade ele lhe diz? Cada vez que os ponteiros andam um segundo a mais... um

segundo a mais... um segundo a mais... eles na verdade estão dizendo: um a menos... um a menos... um a menos..."

Quando Walter Salles fala do tempo, a câmera inicia um lento travelling in em direção ao relógio de parede. Enquanto ele fala: "*um segundo a mais... um segundo a mais... um segundo a mais...*" o travelling progride lentamente até a câmera se fixar no momento em que está enquadrado apenas o mostrador. Ouvimos o tic-tac do relógio cada vez mais alto.

Quando ele diz: "*um a menos... um a menos... um a menos*". O relógio começa a andar para trás, anunciando a nossa ida ao passado.

Se faz um fade lento de áudio e o relógio começa a desaparecer. A impressão inicial é que trata-se de um fade para white **(5)**. Mas, na verdade, ele se funde com uma imagem do sol. A sensação deve ser a de que o relógio está sendo consumido pelos raios do sol.

Seq. 3 - IMAGENS DE ARQUIVO - ECLIPSE SOLAR 1927

Vemos, em detalhe, o diário de Mário Peixoto, aberto num trecho em que descreve um eclipse solar que viu na Inglaterra. Em off, um narrador começa a ler:

Narrador (off)

Caro Diário, Confesso que sinto certa angustia, quando penso que os muitos olhos que hoje vêem o eclipse, estarão mortos muito antes do próximo.

Esta página, que escrevo agora, jamais retornará para ser escrita novamente. Quem sabe se daqui a muitos e muitos anos, alguém ao ler estas linhas, tentará apreender o que estou sentindo agora? Angústia, dor e tristeza.

Adeus dia 29, você jamais voltará, mas nunca esquecerei o momento em que examinei atentamente o céu, esta manhã: tudo adormecido, escuridão, e uma chuva muito fina e persistente...

Gostaria de saber qual vai ser o pensamento das pessoas em 1999, ao verem novamente o

*eclipse, e meditarem sobre o que vimos hoje,
29 de julho de 1927, na Inglaterra.”*

Enquanto o narrador lê o trecho do diário são mostradas imagens do eclipse de 1927 - se possível feitas na Inglaterra e, se possível ainda, em uma região parecida com Eastbourne.

Quando é dito que as pessoas que estão vendo o eclipse estarão, em sua maioria, mortas em 1999, vemos uma série de rostos de mulheres, homens e crianças que, despreocupadamente, olham para o céu para ver o eclipse.

Na Segunda parte do texto, começamos a ver o eclipse **(6)**. Esta é uma imagem particularmente importante dentro do contexto do filme, por isto, este será um plano de longa duração, que acompanhará, quase em tempo real, o decorrer do eclipse.

O Eclipse solar traz um fade out natural que encerra a cena.

Seq. 4 - DIÁRIO DA INGLATERRA (solidão em Hopedene)**(1:20")**

Inicia-se um lento *travelling in* em direção a uma foto de Mário Peixoto. O *travelling* fixa-se, enquadrando o olhar distante e melancólico do cineasta e avança novamente, em direção ao centro do seu olho, até que a tela seja completamente preenchida pela cor preta do seu globo ocular.

Uma lenta fusão transforma a tela escura em uma noite estrelada. A câmera fixa durante algum tempo na noite e depois começa a retroceder, entrando pela janela de quarto, de onde se vê a noite e passando a enquadrar uma grade entre a lente e a noite estrelada (um movimento oposto ao conhecido plano de *Passageiro Profissão Repórter*). O foco, que está na noite, passa agora para a grade da janela.

Há dias em que me sinto inclinado a escrever. As idéias me vêm à mente com facilidade, e minha tristeza fica menos profunda do que a que me é comum...

Sentado aqui na sala de estudo, tendo diante de mim a escuridão da noite, comecei a pensar, e os pensamentos que me vêm a mente são tão negros como a noite lá fora.

Fixei os olhos na lua; depois olhei ao meu redor a fim de poder relembrar o estado das coisas que me cercaram.

...março se foi! É um mês a menos. Tenho agora pela frente um mês chamado abril. Acho que, se pudesse mudar o nome das coisas, chamaria abril, de dezembro, e 1927 acabaria de uma vez. quero que o tempo voe pois, aqui em Hopedene, tudo é abominável, e todo o dia é a mesma coisa.

Chuva e mais chuva o tempo todo...

Plano de detalhe do trecho do diário que está sendo lido, seguido de uma série de planos de objetos que estão sobre uma velha escrivaninha de madeira **(7) (9)**: relógio, caneta, tinta, papel, etc..**(8)**

Existe nesta seq. uma referência implícita à seq. de *Limite* em que a Mulher 1 costura. Tal como ali, os objetos são enquadrados de um modo que se pareçam imensos e assustadores.

Ontem fui a igreja e encontrei os filhos de Mr. Morley. Não me pareceram muito contentes de me ver. Agora entendo como eram verdadeiras as palavras de minha avó: os ingleses são um povo frio e duro...

A cidade de Eastbourne é apresentada em uma seqüência de fotos e cartões postais.

Vemos uma foto posada, onde Mário Peixoto está no meio de um grupo de ingleses. A câmera se aproxima da foto até destacar apenas a figura do cineasta. Percebemos que ele está muito pouco a vontade no grupo.

Fade out

Seq. 5 - DIÁRIO DA INGLATERRA (saudades da família) (1:30")

Ouvimos, ainda sobre a tela escura, o ruído de um trem que se aproxima.

Fade in

Plano próximo das engrenagens do trem extraído de *Limite*. Ouvimos a voz do narrador que lê trechos do diário da Inglaterra.

O barulho monótono dos trens chega às vezes a meus ouvidos, enchendo-me de tristeza e desânimo. Imagino quantas vidas e tragédias estes trens levam a Londres!

Mais uma vez voltamos à velha escrivadinha. A câmera panoramiza até chegar a uma velha foto de família (ouvimos mais uma vez o tic-tac do relógio). A câmera se aproxima da foto até enquadrar apenas o rosto de Mário Peixoto.

Inicia-se um lento travelling lateral sobre uma foto-montagem onde vemos, lado a lado, o rosto do cineasta em diversas idades. Pode-se perceber que, apesar de todas as mudanças, há algo que permanece igual em todas as fotos: o seu olhar.

Quando chegarmos ao Mário Peixoto criança, a câmera se abre, mostrando ele ao lado de toda a família. A partir daí, inicia-se uma seqüência de fotos de família cada vez mais antigas.

Passei a manhã escrevendo para minha avó. Ontem, recebi uma linda carta dela. Nunca termino de ler uma carta sua sem que as lágrimas me venham aos olhos. Respondi com uma carta muito franca, contando as minhas tristezas. Espero que ela me entenda.

Sábado! Dia de minhas primas no Brasil, aqueles dias maravilhosos de que sinto tanta saudade! Quantas tardes esplêndidas passei com elas, dançando e conversando com intimidade...

Muitas vezes fico pensando e tudo me vem à mente como se eu estivesse, de fato, vendo as coisas. A recordação é um dos mais perfeitos poderes que a natureza deu ao homem.

Desde pequeno, me habituei a brincar sozinho, a imaginar minhas coisas sozinho, a criar pequeninas brincadeiras sozinho...

Lembro-me de quando éramos pequenos e nos reuníamos na casa de minha avó Breves para ouvirmos ela contar histórias.

As histórias eram tão curiosas, tão estranhas, que também os graúdos se reuniam para ouvi-las.

Até agora, nada fiz que realmente desejasse... gostaria de ser ator. Se contasse isto a meu pai, tenho certeza de que se zangaria muito comigo. Por isto, é melhor ficar calado.

Vemos uma das fotos nas mãos de uma senhora. O plano se abre enquadrando-a por inteiro, trata-se de uma das primas de Mário - Maria Luiza Sertório ou Elza Barrozo do Amaral - Ela reconhece as pessoas que estão nas fotos e fala do passado e da sua infância ao lado de Mário Peixoto.

Seq. 6 - DIÁRIO DA INGLATERRA (amigos japoneses) (2:10")

Esta seqüência é ilustrada por uma série de fotos de Mário Peixoto com os seus amigos japoneses em Eastbourne (ver no story board 13 a 26) - As fotos serão filmadas em table top e os movimentos de câmera serão todos inspirados em *Limite*. O ritmo da montagem é mais acelerado do que nas seq. anteriores.

Nishi, Hidé e eu fomos ao cinema para ver Buster Keaton em Batling Butler, um filme muito engraçado.

Como o Buick de Nishi está no conserto, fomos na bicicleta de Hidé. Não é nada confortável, três pessoas numa só bicicleta, principalmente se uma delas é magra como eu. Somente nestas ocasiões lamento não ser mais gordo... ao menos em alguns lugares... Perdoe-me, meu diário, mas estou longe de estar sendo refinado!

Uma série de fotos mostra Mário Peixoto ao lado dos amigos japoneses, o carro de Nishi, eles jogando tênis e posando para fotos.

Depois fomos tomar chá na casa de Nishi. Muito agradável. Senti-me tão confortável e feliz que fico imaginando se nossa separação, que se aproxima, não será demasiadamente cruel para mim! O tempo passou como num sonho! Estou acordado agora, mas gostaria que meu sonho durasse para sempre!

Nunca tive amigos em minha vida mas agora encontrei dois. Eles são moços encantadores. Acho que são a única coisa importante, que vou deixar em Hopedene.

Nishi vai embora! Sinto-me tão deprimido e triste que não sei o que fazer. Hopedene vai ficar tão vazia sem ele!

... Mandeí, pelo correio, uma foto minha com meus amigos japoneses. É uma foto bem nítida e natural.

Minha aversão a Hopedene aumenta cada vez mais. Às vezes, me pergunto se não estou gastando minha preciosa mocidade neste buraco!

Seq. 7 - DIÁRIO DA INGLATERRA (crise na família) (55")

Cenas que mostram os personagens de *Limite* desesperados, intercalados de fotos de Mário Peixoto. A montagem é rápida e a câmera move-se nervosamente.

A mulher 2 caminha nas ruas de Mangaratiba - Planos da câmera sobre os telhados em *Limite*.

Planos da mulher 2 debruçada sobre uma rocha - Câmera fazendo movimentos circulares.

*Recebi cartas horríveis de minhas primas.
Minhas fotos provocaram muito escândalo em
família. Estou quase louco e muito infeliz!
Não posso entender como levaram tudo tão a
sério! Não consigo escrever mais, estou
doente de desgosto!*

Ouvimos o barulho do mar e vemos fotos do Navio Alcântara, que trouxe Mário de volta ao Brasil. As fotos são filmadas como se o navio estivesse se movimentando. Ouvimos ao fundo o ruído do mar.

Uma foto mostra um dos salões do navio, ele está vazio e se funde com uma outra foto de um salão cheio. O barulho é cada vez maior. A câmera se movimenta sobre a foto dando uma idéia de vertigem.

...Mr. Ellis recebeu uma carta, instruindo-o a me mandar de volta para minha terra, no dia 24 de agosto, pelo Alcântara. Entretanto, acho que algo de errado deve ter acontecido com papai porque faz dois meses desde que recebi a última carta de casa. Fico imaginando se, mais tarde, não vou descobrir que tudo isto foi causado por minhas fotos! o resultado foi que devo voltar para casa. Meu estado é lastimável, meio alegre, meio triste...

A partir da proa de uma embarcação que avança, vemos a imagem do mar.

Mais uma vez, um ruído de trem me chega aos ouvidos... E logo se vai com a repercussão de um eco.

PARTE 2: LIMITE**Seq. 8 - IDÉIA DE LIMITE - Imagens de arquivo de Paris / Depoimento de Mário Peixoto**

Imagens de uma Paris glamorosa, no final da década de 20. Ouvimos, em BG, a voz de Mário Peixoto contando como surgiu a inspiração para escrever o roteiro de *Limite*:

"A idéia de Limite surgiu de um mero acaso, eu estava em Paris, tendo vindo da Inglaterra". (off sobre imagens de Paris)

Plano médio, Mário Peixoto fala olhando em direção à câmera (P&B - entrevista concedida a Rui Solberg):

"Passando em frente a uma banca de jornais, vi um folheto com uma fotografia de uma mulher com braços passados na frente do busto e algemados - braços de homem. O folheto chamava-se Vú.

Continuei a caminhar, e aquilo a me perseguir na mente. Via um mar de fogo e uma mulher agarrada num pedaço dum barco naufragado.

Aquilo provocou em mim um impacto, eu voltei e comprei a dita folha.

À noite, no Hotel Bayard, rabisquei as primeiras cenas do filme Limite. Não pus em ordem cronológica. Botei várias cenas esparsas e, com sono, lá pela madrugada, eu parei e guardei".

Quando Mário Peixoto fala sobre a revista francesa Vu, é mostrada a capa do suplemento. A câmera se aproxima suavemente dos olhos da mulher. Depois, como na seqüência inicial de *Limite*, enquadra apenas as algemas.

Vemos o plano em que a mulher 1 é tragada pelo "mar de fogo". Voltamos a enquadrar os olhos, mas, desta vez, no "plano síntese" de *Limite* (mulher olha para o infinito com braços masculinos algemados à sua frente), inspirado na capa da revista francesa.

Seq. 9 - APRESENTAÇÃO OLGA BRENO Int. - Apartamento em Copacabana -

Dia

A câmera se afasta da "plano síntese" até descobrirmos que trata-se de um pôster que está em um pequeno quarto de paredes brancas.

A câmera panorâmiza para baixo, passa por uma cômoda enfeitada com bonecas de crochê e fotos antigas - algumas delas do filme *Limite* - até encontrar as mãos de uma senhora idosa que,

cuidadosamente, arruma umas roupas dentro de uma valise. A câmera sobe, enquadrando o seu rosto.

Apesar de quase setenta anos passados, há algo no olhar que denuncia que esta senhora é a mulher da foto. Trata-se de Olga Breno, a atriz principal de *Limite*.

Seq. 10 - DECISÃO DE RODAR O FILME - Imagens de Arquivo Rio de Janeiro / Fotografias Mário Peixoto / Cenas do Making of de *Limite*

Imagens de arquivo da cidade do Rio de Janeiro no início da década de 30 ganham a tela. A montagem é rápida, os planos são curtos e os movimentos ágeis, tentando sugerir o ritmo agitado da metrópole no início do século.

Podem ser usadas também fotografias, publicidade, jornais e revistas que indiquem que o Rio era uma cidade que se modernizava rapidamente e vivia um período de efervescência cultural. (PESQUISAR)

Três anos se passaram desde os tempos da Inglaterra. Neste período, Mário Peixoto foi se afastando da família e passou a circular nos círculos modernistas cariocas. Nas fotos, vemos agora, um jovem menos inseguro e bem adaptado ao novo ambiente.

Fotos ao lado de Eugênia Moreira, Brutus Pedreira. Foto-montagem ao lado dos amigos do teatro de brinquedo: Raul Schnoor e Brutus Pedreira. Fotos do bar Amarelinho, lugar onde, pretensamente, se tomou a decisão de se fazer *Limite*.

Voz off de Mário Peixoto:

"Vindo para o Brasil, uma noite, assistindo um filme de Humberto Mauro - com Brutus, Raul Schnoor, Silvio Schnoor e outros - nos reunimos, após a seção, num café na esquina do edifício Odeon: o Amarelinho.

Começamos a conversar e o Brutus saiu-se com essa: "eu gostei do filme, por que essa turma aqui, que não faz nada, também não faz uma fita de cinema?"

Vemos uma série de Fotos de Mário Peixoto e o seu grupo de amigos. As fotos indicam que eles formam um grupo charmoso e sofisticado da alta burguesia carioca.

"... repentinamente, do meu canto, eu me saio com essa: 'Que coisa engraçada, Brutus, acho que tenho uma coisa escrita num papel, que talvez servisse'.

Ele encostou quase um dedo no meu nariz e disse assim: 'Pois então, Maçarico, ...' , era como ele me chamava, '...você está requisitado a trazer amanhã de noite esse papel, que eu quero ver o que é isso.'

No dia seguinte, sentei-me e escrevi o que seria chamado hoje de o primeiro cenário de Limite."

A câmera mostra alguns detalhes dos originais do primeiro esboço do roteiro, escrito com uma caligrafia apressada.

Uma série de fotos mostram o ambiente sofisticado da casa da família Schnoor. Um "travelling in" penetra no interior da mansão por uma das janelas, mostrando o interior da casa.

"Brutus leu, achou que era apresentável, e, voltando à casa de Mme. Schnoor consultamos uns e outros e chegamos à conclusão de procurar Adhemar Gonzaga".

Mais uma vez, usamos o depoimento de Mário Peixoto para Rui Solberg no filme *O Homem do Morcego*:

"Gonzaga leu o script e nos externou a opinião, achando que um cenário daquele teor deveria ser dirigido pelo próprio que tinha escrito. Nos aconselhou a procurar Humberto Mauro, e a opinião dele foi a mesma, mas nos indicou um fotografo seu amigo, que não estava atuando em nenhum filme: Edgar Brazil. Edgar nos compareceu, entregamos a ele o script e ele nos pediu dois dias para dar uma resposta, findos os quais ele

compareceu na casa de Mme. Schnoor, dizendo que tinha gostado e estava pronto para realizá-lo conosco.

Faltava-nos procurar as moças, para interpretar os papéis femininos, por conta de que já tínhamos Raul Schnoor e Brutus nos papéis masculinos.

Seq. 11 INT. AUTOMÓVEL - DIA

A atriz Olga Breno está dentro do carro que a transportará do Rio de Janeiro até Mangaratiba - Em off, escutamos a sua voz, como se estivéssemos ouvindo o seu pensamento. Ela fala de como foi o seu encontro com Mário Peixoto, na época em que trabalhava na fábrica de chocolates Behring, e de como se deu o convite para ela participar do filme:

"Ele passou no balcão, ficou me olhando e falou com o primo dele, dono da Behring, onde eu trabalhava, que mandou me chamar na secretaria. Eu fiquei meio apreensiva, porque naquele tempo já era difícil emprego, né? E aí eu pensei assim: 'meu Deus do céu, vão me mandar embora!'.

Quando cheguei no escritório, ele me mandou andar, e ficou olhando as minhas pernas

(risos). Eu fiquei meia cabreira, né? Eu falei: 'tá mandando mostrar as pernas por quê?'

Aí ele disse assim: 'você gostaria de trabalhar no cinema?'. Eu disse: 'ah! É o que eu mais gostaria, trabalhar em cinema... Eu sempre gostei de teatro e tudo'. Ele falou: 'pois é, você tem um convite, é que o meu primo vai fazer um filme e justamente o personagem é você'.

Fotografias da Behring e uma série de fotos de Olga, jovem, na época em que trabalhava lá.

Mais uma vez, temos Mário Peixoto dando o depoimento para a câmera:

"A outra moça nos foi arranjada num álbum de Gonzaga por nome Iolanda Bernardes."

Foto de Taciana Rei, no meio de um grupo de figurantes em uma produção da Cinédia. A câmera se aproxima dela, destacando-a do resto do grupo. Em uma outra foto, com dedicatória para Mário Peixoto, Taciana, elegantemente vestida, posa no interior de uma casa luxuosa.

Seq. 12 - DESLOCAMENTO DA EQUIPE - Making of / Fotografias / Planos das engrenagens do trem de *Limite*.

A equipe se desloca de trem para Mangaratiba. Vemos trechos filmados por eles, na época, mostrando a paisagem pela janela do trem. - Carros passam em velocidade, pessoas caminham pela cidade.

O filme fui eu mesmo que financiei, eu não devia obrigação a ninguém, podia fazer o que bem entendesse... e fiz.

Na contraluz, vemos Mário Peixoto em uma cabine do trem, que sai da cidade. Pelas janelas passam as belas paisagens do litoral sul fluminense.

Além das imagens feitas pela equipe de *Limite*, serão utilizadas fotografias que serão filmadas em movimento, no eixo contrário ao deslocamento do trem, dando a impressão de que estes planos reproduzem o ponto de vista de quem está nos vagões.

Efeitos de sombra e o ruído do trem ajudam a criar a sensação de deslocamento. Os cortes vão ficando cada vez mais rápidos e os planos da são intercalados ritmadamente com planos das engrenagens do trem, retirados de *Limite*.

As imagens filmadas e as fotos em movimento se alternam rapidamente, de um modo que não se percebe facilmente a diferença entre elas.

Aos poucos, vão surgindo algumas construções na paisagem, até que eles chegam finalmente a Mangaratiba.

Seq. 13 - ESTAÇÃO DE TREM - fotografias

Uma série de planos curtos e com movimentos rápidos, mostram como poderia ter sido o desembarque da equipe na estação de trem em Mangaratiba.

O trem para. A equipe desembarca na estação, todos estão vestidos elegantemente e o clima é animado e descontraído. Olga Breno observa a paisagem.

Taciana posa com um buquê, e acena para a equipe. Um travelling vertical mostra a atriz saindo de dentro de uma caixa endereçada à Mário Peixoto, em Mangaratiba.

Seq. 14 - FAZENDA SANTA JUSTINA - fotografias

Planos, cada vez mais próximos, dão a impressão de que a equipe se aproxima da fazenda Santa Justina, onde eles se hospedaram e onde foram feitas várias das seqüências do filme.

“Fomos à fazenda do meu tio, que nos cedeu parte da casa, transporte e operários, inclusive também a alimentação.

Nós ficamos morando na casa da fazenda e, de madrugada, saíamos no "Bye-bye", para filmar nas várias locações que tínhamos, que já eram todas estudadas de véspera.

Depois, quando foi a temporada boa, resolvemos nos fazer ao mar para realizarmos as cenas todas de mar.

Em frente a um curral, estão Vítor Breves, - o tio de Mário Peixoto, que forneceu toda a infra-estrutura para a produção de *Limite* - ao lado de uma garotinha. A câmera vai fechando em direção da criança.

Seq. 15 - Varanda da fazenda Sta. Justina - Int./Ext.- Dia

D. Olga Breno - atriz de *Limite*, apresentada na seq. 3 - encontra-se com D. Helena Breves, a garotinha que vimos na foto anterior, que hoje é uma senhora octogenária e atual proprietária da fazenda Santa Justina.

D. Helena Breves fez uma pequena participação em *Limite* - ela é a criança que está agachada brincando com um cachorrinho e recebe afagos de Taciana Rey.

D. Olga costuma se referir a D. Helena com muito carinho, ela eram muito próximas no período das filmagens.

Sentadas em cadeiras na varanda, as duas, que não se vêem há quase 70 anos, falam sobre as suas recordações daquele período.

Enquanto falam, vemos imagens da fazenda vazia hoje, em contraste com trechos do making off, que mostram toda a movimentação no período das filmagens.

Seq. 16 - Making of de *Limite* / Fotos da equipe na fazenda

Trechos do *making of* de *Limite* mostram a equipe se divertindo na fazenda, Raul Schnoor cuida de um grupo de porcos, Olga Breno acaricia um porquinho e Brutus Pedreira, elegantemente vestido, alimenta um bando de galinhas. Uma panorâmica sai de um plano fechado de um bando de galinhas até encontrar Mário Peixoto, que observa a movimentação, em frente de casa.

Um nativo de Mangaratiba, curioso, se aproxima da câmera, enquanto pita o seu cachimbo.

Seq. 17 - DESLOCAMENTO DA EQUIPE PARA O SET - making off - fotografias

Cenas do making off mostram a pequena equipe se preparando para um dia de filmagem. O grupo está em volta de um carro. Mário Peixoto e Raul Schnoor, ao longe, caminham em direção à câmera. Equipe cruza a câmera em direção a um matagal, Mário Peixoto espera o grupo chegar.

Uma montagem de quatro fotografias mostra a equipe se deslocando e carregando os equipamentos para o local da filmagem.

Seq. 18 FILMAGEM NO CAMPO - Making of / fotografias cenas de *Limite*

A equipe arma o equipamento para iniciar os trabalhos no campo. Câmera abre e mostra o grupo filmando a seqüência do desespero de Taciana, em cima de um penhasco.

Mário Peixoto fala das filmagens da seqüência dos urubus. Vemos a equipe pronta para filmar, esperando, e o morro vazio.

No principio e no fim do filme, tem uns abutres que vêm voando e pousam, para atrair, precisava, naturalmente, de um pedaço de carne; nós mandamos matar um frango e todo mundo: 'que pena, um frango tão bonito só pra chamar urubu.'

Eu vi o angulo com Edgar, ele encestou a câmera. As horas foram passando... passando... e que urubu?! Chegava um cachorro de longe, um passarinho espantado... urubu neca!

Entardeceu, apanhamos o frango, demos de presente lá para o pessoal. Ficamos decepcionados, cabisbaixos".

FADE OUT**Seq. 19 NOITE - EQUIPE EM VOLTA DA FOGUEIRA**

Planos curtos, mostram a equipe à noite na fazenda em volta de nativos. A imagem é escura e vemos apenas silhuetas. Ruídos de pássaros na noite, barulho de fogueira.

"De noite, quando falamos, o pessoal caiu na nossa pele: "Vocês não sabem que têm que ser carniça, carne até meio putrefacta. Vão pedir no açougue que lá tem muita ossada que sobra ..." (rindo)

FADE OUT**Seq. 20 FILMAGEM NO CAMPO - Making of / fotografias cenas de *Limite***

No dia seguinte, seguindo o conselho dos nativos, a equipe volta para tentar filmar os urubus novamente, desta vez, atraídos pela carniça, os bichos aparecem em grande quantidade.

"No dia seguinte, arranamos uma que fedia tanto que era uma coisa horrível! Aí fomos, levamos, pusemos, Ah! Cinco minutos depois estava cheio de urubus.

Como eles se sentem, hein? Que olfato, que visão! Lá de cima ele vê aquela coisinha minúscula dentro de uma duna de areia."

Seq. 21 - FILMAGEM - Making off e fotos de filmagem

Mais um dia de trabalho, a equipe está filmando as cenas dos naufragos no barquinho. Edgar Brasil está em pé, com a câmera na mão. Vemos, alternadamente, cenas do making of e as fotografias em movimento mostrando os planos sendo filmados.

Mário Peixoto, em off, fala da criatividade de Edgar Brasil de sua importância para o projeto, e de todos os equipamentos especiais que o fotografo desenvolveu para a filmagem de *Limite*.

"Edgar Brazil era um homem de uma inventiva extraordinária, por exemplo, maquinárias que aquela época seria impossível importar, ele realizou-as todas no Brasil: um andor transportando a câmera, com ele dentro, um elevador que seria, possivelmente, um substituto para a grua atual e várias outras coisas.

A película era revelada à noite e no dia seguinte, já se podia projetar para se saber

*se estava bom ou não. O próprio laboratório
foi montado por ele.”*

Enquanto ele fala, vemos fotografias dos equipamentos sendo utilizados e , em seguida os planos que resultaram do uso destes equipamentos: O andor para filmar uma caminhada, O elevador construído para filmar o marido bêbado. O modo como eles filmaram as engrenagens do trem e as traquitanas montadas para filmar em lugares muito altos.

Seq. 22 - PASSEIO DE BARCO - making of e fotografias

Ao longe, vemos um barco navegando. A câmera se aproxima e vemos a equipe de *Limite* no que parece ser um dia de descanso.

Durante o passeio de barco, tal como na seqüência do trem, são mescladas imagens do making of e fotografias em movimento.

Brutus Taciana e Raul se divertem, subindo uma escada em direção ao alto do mastro, são observados, de baixo, por Mário Peixoto, que sorri.

Câmera destaca o rosto de Taciana que observa a exuberância da paisagem. A natureza é filmada em panorâmicas verticais, que procuram imitar o ponto de vista de quem está no barco.

Ouve-se o som das ondas quebrando no casco da escuna, a ventania e o canto de alguns pássaros.

No final do dia, a equipe posa para uma foto na proa da embarcação. Vemos, ao longe, a escuna, deslizando entre a câmera e o sol que se põe.

Seq. 23 - FILMAGEM - Cenas do cemitério - internas costura

Mais um dia de filmagem, agora são realizadas as seqüências do cemitério e a cena que mostra a mulher 1 costurando dentro de um porão.

As fotografias mostram o plano sendo filmado, o ponto de vista de quem está filmando e o ponto de vista da atriz, que está sendo filmada.

"Usamos várias câmaras, a primeira foi uma alugada em Cataguases, Herneman de manivela ainda, depois adquirimos uma que se chamava Kinamo que só fazia 30 metros era manual, de corda, depois tivemos um Mitchel, emprestada por Adhemar Gonzaga e por fim uma Parvo, uma Debri, de Carmem Santos que nos emprestou.

Seq. 24 - Trechos de Jornal - imagem de *Limite*, Planos de Olga em Mangaratiba hoje

A atriz Olga Breno lê um jornal - a câmera mostra as matérias que falam da repercussão que teve o lançamento de *Limite* na imprensa da época. Fotografia do Capitólio onde foi feita a primeira seção do filme

Após uma seqüência de páginas de jornais, inesperadamente, a mão de Olga surge em quadro (plano extraído de *Limite*) e vira a página. A seqüência continua, e ela parte, deixando a rua deserta, ouvimos, em off, a voz da atriz, falando da saudade que ela sente dos tempos da filmagem.

PARTE III - ONDE A TERRA ACABA

Seq. 25- O CONVITE DE CARMEM SANTOS

Série de fotos de Carmem Santos com roupas e em ambientes glamorosos. Imagens da atriz em filmes como *Lábios Sem Beijo*, de Humberto Mauro. Matérias de jornais e revistas, que possam caracterizá-la como a mais importante personalidade do "star system" brasileiro.

Procurar foto em que Mário Peixoto, Edgar Brazil e Carmem Santos estejam juntos e foto da casa de Carmem, onde se localizava o laboratório.

Voz em off - Narrador:

Tudo é tão nítido ... que poderia ter acontecido ontem ainda... lembro-me de quando conheci Carmem Santos, numa tarde em que Edgar pediu-me para comparecer ao laboratório instalado nos fundos da residência dela.

Sua voz era inconfundível... única. Ela era inteligente, humana e extremamente sentimental.

Lá, Edy me disse que "a dama" - era como Brutus a chamava - tinha por hábito assistir a todas as projeções experimentais, de Limite.

Carmem se encantou com o que viu e encomendou-me o cenário de um filme que fizesse dela uma estrela inquestionável.

Em troca, nos deixaria terminar os trabalhos de Limite em seu laboratório sem nada pagar.

Matérias de jornal falam sobre Carmem Santos e os seus filmes anteriores.

CARMEM SANTOS - A maior figura da arte sublim no Brazil.

CARMEM SANTOS - Estrella de Lábios Sem Beijo.

Escrevi o enredo antes mesmo de Limite ficar pronto, entusiasmado com a oportunidade de realizar um filme com ela, Carmem, a grande diva, daqueles tempos.

Sonolência, o nome original, foi alterado a pedido da "dama". Ela temia que o título pudesse indicar o sono que o filme despertaria na platéia e afastar o público, sempre tão refratário aos filmes brasileiros.

Num Ônibus da Light, Brutus e eu debatíamos sobre qual deveria ser o novo título e eu repeti-lhe este cabeçalho: Onde a terra acaba - e as coisas do espírito se iniciam. - que vi num letreiro.

Sugeri ali mesmo, e Brutus aceitou incontinentemente. Dedo em riste, em frente ao nariz ele me disse: "Olhe Maçarico - não vá repetir pés, cabelos, lama, grades e ventos no sapezal. Escute o que este oráculo, que é seu amigo, lhe diz: estas coisas quando repetidas cansam.

Na mesma tarde, a dama aceitou a sugestão de troca de títulos.

Matérias de jornal mostram que toda a publicidade do filme girava em torno de Carmem Santos e indicam que o objetivo principal do projeto, ao menos para a atriz, era mesmo transformá-la em uma "estrela inquestionável".

Seq. 26 - OS PREPARATIVOS PARA A FILMAGEM

Ouve-se, em off, a voz do narrador, enquanto vemos a partida da equipe para a restinga da Marambaia. Ao contrario de *Limite*, existe agora um número muito maior de pessoas envolvidas. Vemos a equipe chegar. Planos feitos com a câmera colocada na frente de um carro procuram caracterizar a dificuldade de acesso à região.

Aos poucos, a paisagem selvagem da restinga vai se transformando com a chegada da equipe e a construção dos cenários.

Fotos mostram o contato da equipe com os nativos. Planos filmados hoje mostram trechos da região ainda selvagens.

O roteiro foi escrito com a idéia de ser todo rodado na Marambaia. Ilha que pertenceu a meu bisavô - perdida numa rodada de um jogo chamado voltarete - junto com escravos, gado, e as plantações e habitações, que a compunham.

A produção, na época foi considerada a maior e mais dispendiosa realização cinematográfica brasileira até então.

Uma série de matérias de jornais e revistas - muitas vezes em um tom ufanista e exagerado - mostram toda a grande expectativa que se criou em torno da realização de *Onde a Terra Acaba*:

ONDE A TERRA ACABA - Título de um film que é o começo de um sonho: o sonho mais maravilhoso do cinema brasileiro. (Diário da Noite - 30.07.31)

ONDE A TERRA ACABA - O film mais brasileiro e a obra mais séria de quantas têm sido feitas sob os ceos do Cruzeiro do Sul. (O Globo - 13.07.31)

ONDE A TERRA ACABA - A aurora dos novos destinos do cinema brasileiro. (Scena Muda - 29.07.31)

ONDE A TERRA ACABA - O film que hoje é uma grande esperança para amanhã ser uma grande realização. (Scena Muda - 29.07.31)

Fotos mostram os preparativos da equipe para as filmagens.

Seguindo instruções de Edy, Carmem importou da França uma câmara Parvo-Debris, a primeira no Brasil.

As instalações foram levadas previamente feitas e desmontáveis. Levaram 4 dias de viagem - por estradas intransitáveis. Chegamos, com tudo pronto, apenas a cabana de Gúpi teve que ser construída lá.

Fotos mostram a cabana de Gúpi em diversos estágios de sua produção.

Vejo, daqui, agora - Edy, montado no teto da cabana, pacientemente costurando à mão, o forro de algodãozinho, que revestia o teto, construído especialmente para se abrir e deixar a luz do sol passar.

Matérias de jornal falam do deslocamento da chegada da equipe no local das filmagens.

O GRANDE EMPREHENDIMENTO DO CINEMA BRASILEIRO.

Uma caravana de artistas nacionais, levando completo aparelhamento técnico, parte para a restinga da Marambaia, onde vai realizar um film. (O Jornal - 24.06.31)

DESTROÇOS DE UM NAUFRÁGIO? Não. Apenas o material necessário à filmagem de *Onde a Terra Acaba* e as valises da estrela Carmem Santos chegando a Marambaia. (Scena Muda - 22.07.31)

Trechos do depoimento de Mário Peixoto a Rui Solberg e Alex Vianny, no documentário "O Homem do Morcego". Close do cineasta, que fala em direção à câmera.

A água do laboratório foi encanada por Edy, Vinha de uma nascente cristalina no alto da mata. Ele encanou-a em várias empreitadas de canos de borracha, com engates em roscas de metal...

Entretanto, os macacos descobriram o segredo e divertiam-se à noite - não só fazendo trapézios, mas também desengatando-os maliciosamente e ocasionando verdadeiros dilúvios .

Mas Edy foi mais astucioso, colocando visgo de jaca na parte externa dos encanamentos e acabou com o brinquedo.

Mais fotos da equipe, em contato com os nativos e nos alojamentos, preparando-se para as filmagens

Aluguei a casa de Juvenal, o maior pescador de toda a Baía de Angra. Ele morava com Chiquinha, que era corcunda, e com mais 7 concubinas, que residiam em casas por ele levantadas. As mulheres mais velhas, que não podiam trabalhar na roça, faziam balaios remendavam redes e coisas assim.

Mas o ofício onde elas ganhavam mesmo algum dinheiro, era quando elas choravam em enterros.

Elas iam, já velhinhas, na casa dos defuntos, arrastando os joelhos pela areia, se descabelavam, aos grito até o caixão

entrar em uma canoa que levava para o cemitério da Marambaia.

De Juvenal tirei a personagem Kela e suas mulheres, para o filme A Alma Segundo Salustre.

Seq. 27 - FILMAGENS DE ONDE A TERRA ACABA

Matérias de jornal anunciam o início das filmagens:

ONDE A TERRA ACABA - O film que vai mostrar ao Brazil que os brasileiros sabem fazer cinema com originalidade e inteligencia.

(Scena Muda - 06.10.31)

ONDE A TERRA ACABA - Continua sendo filmado com grande dedicação e carinho de seus realizadores.

(Scena Muda -03.11.31)

Uma série de fotos mostram Carmem Santos, Brutus e Raul fora do local das filmagens. Em oposição às fotos de Limite, caracterizadas pela descontração, estas fotos são posadas e, em sua maioria, apresentam os atores sozinhos.

Estas fotos serão filmadas de um modo a ressaltar a introspecção dos atores, através de movimentos lentos e contínuos de aproximação (travelling in) e afastamento (travelling out).

Carmem faria o papel de uma escritora, uma mulher sofisticada, civilizada que se desloca para aquela ilha para escrever um romance. Lá ela encontra Gupi, a personagem de Raul, que representa a coisa sincera, bonita: a natureza. Brutus seria Marco, ex-marido dela, o bamba da ilha, um contrabandista.

Série de Matérias de revista sobre os protagonistas:

Raul Schnoor - A maior figura masculina do cinema brasileiro é o Galã de *Onde a Terra Acaba*. (Scena Muda 13.10.31)

Carmem Santos e suas mais recentes photographias especiaes para Cinearte. (Cinearte - 26.08.31)

Imagens de Edgar Brasil posicionando a câmera. Planos de *Onde a Terra Acaba* onde Raul está fora da cabana, observando Carmem Santos

A fotografia de Onde a Terra Acaba seria ainda mais bonita que a de Limite, posto que agora tínhamos mais recursos. Tudo era feito com bastante rigor. Quando filmávamos três ou quatro pequenas cenas, isto se constituía em um recorde diante de nossa carrancuda vigilância.

Trechos de outra seqüência de *Onde a Terra Acaba*, em que Carmem Santos está em destaque.

Me recordo que as partes que Carmem fez, ficaram muito boas - nunca pretendi levá-la a exageros, apenas guiá-la adaptando-a ao melhor dentro das suas possibilidades.

Fotos da atriz Carmem Santos no intervalo das filmagens.

Carmem se deslocava freqüentemente para o Rio para resolver problemas pessoais, o que implicava em algum atraso nos nossos planos.

Seqüência em que Raul e Brutus estão na Pedra do Sino. Fotografias dos dois atuando em cenas que não estão no material recuperado de *Onde a Terra Acaba*.

Aproveitávamos então para filmar as cenas de Raul e Brutus, que entraram em seus devidos papéis - com "garra competitiva", como se num desafio mudo: quem suplantava a quem... Percebe-se isso perfeitamente em uma cena entre os dois na Pedra do Sino .

Edgar e eu sempre usamos alguns pequeninos truques. Muitas vezes, a um pequeno sinal, nos púnhamos a filmar os atores sem eles saberem disso - o que acarretava grande

*naturalidade. A coisa nos contribuía com
surpreendentes momentos de interpretação.*

Fotos de Mário Peixoto, Raul Schnoor e Carmem Santos jogando xadrez dentro do alojamento - barulho da chuva.

*Apenas as chuvas, cada vez mais fortes e
freqüentes, é que nos faziam parar. Nos
bandeávamos então para o laboratório -
quando não era um pouco de lazer, também -
com a chuva tamborilando nos tetos de zinco.*

Matérias de jornal anunciam as primeiras dificuldades que a equipe começa a enfrentar.

Os realizadores de *Onde a Terra Acaba* vão triunfando diante das dificuldades e intempéries.

Carmem Santos - a estrela de *Onde a Terra Acaba* fala de si mesmo: Sou uma criatura triste a aborrecida da vida. Descrente de tudo - do bem e do mal.

(Scena Muda -15.07.31)

*Carmem tinha seus problemas - além do filme
- e tentava suportá-los, quando as forças
físicas o permitiam.*

Seqüência de *Limite* em que a mulher 2, sobre uma pedra, começa a ter vertigens (POV da mulher). Imagens da Pedra do Sino, feitas hoje.

Ela gostava de isolar-se na extrema ponta da Pedra do Sino, numa espécie de introspecção, feita paralela, aos humores do mar.

Imagens de *Onde a Terra Acaba* em que aparece a cena das flores no vestido:

Lembro-me particularmente de uma cena que foi difícil, mas também muito gozada: aquela que as flores saem da objetiva e vão se afastando para o fundo, até que se percebe que são os quadris de Carmem que começam a bambolear. Ela fazia aquilo duro, sem aquele joguinho feminino que encanta quando não é exagerado. Tentamos várias vezes até que eu me cansei daquilo e disse: "Carmem, com licença..." segurei os quadris dela e a fiz rebolar a muque. (rindo) Ficou tudo muito natural...

Seq. 28 - O INICIO DOS PROBLEMAS

Vemos seqüências de *Limite* em que o vento, atuando sobre o matagal, anuncia a tempestade que está por vir.

Recebíamos, constantemente, levas de visitantes e publicistas de todo o País.

Fotos mostram a quantidade exagerada de pessoas no set de filmagem e os protagonistas sempre cercados por um grande número de jornalistas. Matérias de revistas sobre Carmem, Brutus e Raul, destacam o talento e as qualidades de cada um.

Nuvens se acumulam rapidamente, prenunciando a chuva.

As crises de Carmem foram se tornando cada vez mais freqüentes.

Regressando de suas incursões ao Rio, ela voltava nervosa e fisionomicamente abatida.

Isso, uma, duas, três vezes, acarretava distúrbios no andamento da filmagem.

Travelling out lento, mostra Carmem Santos sentada sozinha em uma varanda - a foto dá a impressão de que ela está em um imenso corredor.

Seq. 29 - AS CRISES COM CARMEM SANTOS

Outros planos de *Limite* anunciam tempestade. Close das pessoas envolvidas no filme, que demonstram uma certa apreensão. Os movimentos vão se tornando cada vez menos suaves e a montagem mais nervosa.

Continuamos as filmagens até aonde nos foi possível. Mas Carmem continuava a se

*ausentar tornando cada vez mais difíceis os
nossos trabalhos.*

*Agüentei enquanto pude, com duas
interrupções:*

*Na primeira, meu tio Vítor Breves disse-me o
seguinte: "Meu sobrinho você tem, por
obrigação, de agir como gentleman - ela é
uma moça. Vamos lá, pegue uma lancha, e
volte para as filmagens", e ainda adiantou
como arremate exortante: "mostre que é um
Breves"!*

Uma série de closes rápidos, extraídos de fotografias, mostram
uma equipe intranquã. Estes planos se intercalam com as cenas
de Onde a Terra Acaba que continuam a ser filmadas.

*A segunda vez - Brutus interveio, dizendo-
me: "Eu, teu amigo, te peço: Maçarico, faça
as pazes com a Dama". Depois, abriu uma
condicional: "Faça isso - só essa vez, mas
se os problemas persistirem, toma a atitude
que quiser, que eu não direi mais nada.
Bateu-me amigável e irresistivelmente no
ombro e fiz-lhe a vontade.*

Um lento travelling in, mostra Mário Peixoto na praia sozinho e vai até o seu rosto tenso, no momento em que tem de tomar uma importante decisão.

*E aconteceu então a derradeira catástrofe,
quando Carmem, recolheu-se ao seu leito,
vários dias, como morta.*

Começa a chuva.

Seq. 30 - A PARTIDA DA MARAMBAIA

Ruído de chuva. Em detalhe, um pé pisa em uma poça d'água. Plano de *Onde a Terra Acaba* em que Carmem, de costas, segura uma corda.

Plano de *Onde a Terra Acaba*, em que Raul uma corda que sustenta a cabana e a larga, fazendo-a vibrar. Plano de *Limite* em que Raul Schnoor segura uma cerca de arame farpado e cai sobre a terra - a câmara sobe... sobe... em direção ao infinito, dá um giro de 360 graus até voltar para o chão, onde está a mão do personagem.

Planos da Marambaia deserta. Chuva.

Plano de detalhe de uma gota d'água, que parece imensa, caindo sobre uma poça.

*Presenteei-lhe com o "script", e parti, com
grande abertura na alma. Ela não me disse
nada.*

Chovia muito no momento da minha partida.

A retirada foi calma - quase fúnebre. Ao tirar da parede do meu quarto uma moldura onde se enfileiravam 4 fotos da atriz Edwina Booth, senti o peso de uma inesquecível fase de minha vida, que nunca mais retornaria... aquilo encheu-me de angústias e presságios - como se uma maldição de culpa caísse sobre mim naquele quarto, que começava a se desfigurar com o êxodo dos meus pertences...

Voltaria ali, algum dia?

Planos em que Carmem e Mário Peixoto estão juntos. Travelling in numa foto em que a atriz afaga os cabelos de Mário, que está deitado com a cabeça sobre o seu colo.

Até hoje pago pelo erro... tudo está agarrado em mim... talvez eu devesse ter tido uma atitude da qual hoje não me visse diminuído. Mas como poderia eu, com a minha pouca idade, penetrar em labirintos da alma humana - e entender os problemas que agiam na vida de Carmem?

Seqüência da tempestade em *Limite*.

FADE OUT

Seq. 31 - A CONTINUAÇÃO DO PROJETO

FADE IN

Pôster do filme e fotos da equipe e das filmagens sob o comando de Octávio Gabus Mendes.

Carmem, sempre corajosa, continuou o projeto. Por indicação de Adhemar Gonzaga, convidou Octávio Gabus Mendes para dirigir uma adaptação do romance "Senhora" de José de Alencar.

Eles aproveitaram os cenários e conservaram o título por causa da publicidade dispendiosa que divulgara o filme.

Seq. 32 - O REENCONTRO COM CARMEM SANTOS

Voltamos ao quarto onde iniciou-se o filme (seq. 2). A mão grande e ossuda, de um homem idoso coloca sobre uma escrivaninha antiga duas belas fotos da atriz Carmem Santos.

Ouvimos o ruído de asas que se debatem. Logo depois, manchas coloridas começam a surgir na tela, fundindo-se com a imagem das

mãos do idoso. A câmera se afasta até que identificamos uma borboleta que se debate contra o vidro da janela do quarto.

Passei três anos sem ver a dama.

O grande, reencontro - foi na redação do "O Jornal", onde visitava meu amigo Pedro Lima.

Ela surgia na porta, veio direto a mim, e abraçou-me efusivamente. Eu estava constrangido.

Foto de Mário Peixoto com Carmem Santos, anos depois. Mais uma vez, vemos a imagem da borboleta, que investe contra a janela, agora em um plano mais aberto.

Ela me olhou e disse, com a mesma voz rouca que me encantava e que posso ouvir agora mesmo: "Sabe, Mário - que você, me fez ir para uma casa de saúde?"

Levei um choque, e declarei-lhe que ignorava. Depois, ela partiu no seu carro que a esperava. Vejo-a, ainda, elegante, desinibida, com um grande "canotier" marinho, como os que gostava... Segui-lhe o carro com o olhar, até perder-se no tráfego.

Fotos de Carmem Santos. Seqüência de *Limite* em que Carmem atua ao lado de Raul Schnoor.

Trecho da seqüência da cabana, em *Onde a Terra Acaba*.

De nossa temporada na Marambaia, restou muito arrependimento e uma lata com uns 300 metros de filme, que Carmem presenteou-me dizendo a seguinte frase: "Não me conformo, quando me dizem que o que vai ficar de mim é o papel que fiz em Limite. papel, para mim - seria o da mulher, em Onde a Terra Acaba. Você me mesmerizou com a sua Eva, aquilo é o temperamento de mulher que sempre me interessou."

E completou-me: "Toma - é tudo seu - talvez me dê mais sorte, em me desfazer disso"

Seq. FINAL - O SONHO

Pés caminham sobre a areia da praia - filmar utilizando uma técnica semelhante à usada por Edgar Brazil em *Limite*.

Fundir com plano das pegadas em *Limite*. Planos de *O Homem do Morcego*, mostram Mário Peixoto caminhando, ao longe, numa praia. Planos feitos na restinga hoje, dão a impressão de tratarem-se de pontos de vista de alguém que está na praia.

Anos, se passaram. Nem sei. Um dia surgi na praia do Sino, sozinho, para uma despedida ao meu jeito.

Juvenal, recebeu-me. Estava velho, meio recurvado - a Chiquinha lhe morrera. Das suas mulheres, pude reconhecer umas duas ou três... o resto, seriam novas aquisições.

Insisti em dormir no nosso quarto do tempo da equipe: Edgar, Brutus, Raul e eu.

Sentei-me no bordo do leito e refleti, sobre a minha vida... o ambiente era pesado de evocações - tudo falava - e ante aqueles murmúrios, eu me quedava em prostração. Seria eu - eu só - um fracasso? O que buscava?

Saí. Caminhei até o canto do "Sino". Percorri, com os olhos, tudo o que via. Os andores de Limite, aros de rebatedores - o banheiro improvisado que ainda resistia. Quem era aquela preta, agora - que tratava de tudo? Eu a conhecera, criança, quando da filmagem?

*Passei adiante e deitei-me na areia, Pela
linha do horizonte - buscava orientação de
Mangaratiba... Mas nada vinha de lá,
nenhuma mancha... nenhuma embarcação, como
eu queria. E no, entanto, poderia acontecer.*

Ao fundo, ouve-se a Gymnopedie, de Satie. Fusão das imagens da praia, feitas hoje, com planos do Making off mostram o elenco e a equipe de *Limite* se divertindo em um animado pick-nick na praia. (voz do narrador ganha um certo entusiasmo)

*Seria um sortilégio do absurdo - mas poderia
- insistia eu. Todos saltariam na praia,
dando comigo ali. A grande aventura iria ter
início - e dessa vez (fazia meus planos) o
filme, sim - chegaria a seu fim. Mas a
palavra, "Fim" - meditada - pronunciada na
mente - barrava todo o meu vôo.*

*Chove - dia cinzento e cheio de neblina, tal
como eu gosto...*

